



Fernanda Furquim

AS MARAVILHOSAS MULHERES DAS SÉRIES DE TV

Copyright © 2008 Fernanda Furquim

Supervisão editorial

Marcelo Duarte

Assistente editorial

Tatiana Fulas

Projeto gráfico e diagramação

Rex Design

Preparação

Luciana Miranda Penna

Revisão

Ana Maria Barbosa

Cristiane Goulart

Telma Baeza G. Dias

Colaboração

Cristina Nastasi

Fotos

Divulgação

Agradecimentos

Edson Rodrigues

Elias Lucena

Eduardo Marotta

Edinho Pasquale

Nilson Xavier

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F985h

Furquim, Fernanda

As maravilhosas mulheres das séries de TV / Fernanda Furquim. - 1.ed. - São Paulo :
Panda Books, 2008.

1. Televisão - Seriados. 2. Heroínas. I. Título.

ISBN

07-2389.

CDD: 791.457

CDU: 654.191

2008

Todos os direitos reservados à

Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286 cj. 41 – 05413-010 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3088-8444 – Fax: (11) 3063-4998

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

À memória de minha mãe, Daisy Furquim
(1938-2006), personagem forte, determinada e
sempre presente, que será lembrada por sua
dedicação e por seu sorriso.

sumário

introdução 8

a televisão chega aos lares americanos 10



os anos 1950
comédias 16
outras da década 23

os anos 1960

a tv dos anos 1960 30

aventura 32

comédias 39

outras da década 61



os anos 1970

a tv dos anos 1970 74

aventuras 76

comédias 96

drama 103

outras da década 108

os anos 1980

a tv dos anos 1980 122

aventura 125

comédias 138

drama 148

outras da década 154





OS ANOS 1990

A TV DOS ANOS 1990 166
AVENTURA 168
COMÉDIAS 185
DRAMA 208
OUTRAS DA DÉCADA 220

Os anos 2000

a tv dos anos 2000 248
aventura 250
drama 263
dramédia 286
outras da década 304



enquanto isso, no Brasil...

índice remissivo 365
bibliografia 368

O que você encontra aqui

- Apenas as séries produzidas pelas tevês americanas e brasileiras estão presentes.
- Apenas séries estreladas por mulheres foram levadas em consideração, com exceção de produções estreladas por duplas, que tiveram uma influência direta na forma como a personagem feminina foi abordada pelo gênero ao longo dos anos.
- Produções centradas na personagem masculina, mesmo com personagens femininas participativas, não foram incluídas. Também não estão presentes séries estreladas por um grande elenco, que não definem a necessidade da presença feminina, sem a qual poderiam existir mesmo que tivessem de passar por alterações de formato.
- A seleção dos títulos teve como base apenas as séries que foram exibidas pela TV brasileira, para que a assimilação pelo leitor fosse possível. Embora importantes, outras produções inéditas não foram incluídas.
- Figuram na análise as séries mais representativas dentro desse universo. As demais aparecem apenas como registro.
- Foi realizada uma pesquisa detalhada em arquivos de imagem, jornais, revistas, livros, sites na internet e nos arquivos particulares da autora, para que fossem incluídos todos os títulos possíveis. No entanto, algumas produções podem não figurar no livro.
- Apenas os dados biográficos das principais atrizes de cada série analisada foram incluídos.

introdução

A cada década que passa as mulheres se tornam mais presentes no cenário mundial, ocupam cargos e exercem funções antes inimagináveis para elas. Para ocupar seu espaço, a mulher assumiu posturas que, por muito tempo, foram consideradas masculinas, tornou-se mais exigente com os outros e consigo mesma. Muito criticada por isso, ela ainda busca um ponto de equilíbrio. E é justamente essa característica da mulher que é constantemente retratada na televisão, em especial nas séries de TV: a busca pelo ponto de equilíbrio.

8

Elas chegaram à televisão americana em seu primórdio, já como estrelas de produções próprias, ainda que em número muito menor do que o das séries protagonizadas por homens. As comédias, conhecidas nos Estados Unidos como *sitcoms* (comédias de situações), tornaram-se desde cedo o terreno em que elas se expressavam quase livremente, pois como as *sitcoms* eram um produto voltado à família, que retratavam em sua grande maioria situações domésticas, era natural que mulheres estrelassem esse gênero.

De forma gradual, ampliaram seu espaço. Movimentos políticos, sociais e religiosos sempre influenciaram o que era exibido na televisão. Neste sentido, o movimento feminista não poderia ser ignorado por muito tempo. Tradicionalmente atrasadas em relação aos fatos reais, as séries de TV americanas levavam uma média de cinco anos para agregar mudanças sociais e comportamentais em sua estrutura. Talvez por ter iniciado suas transmissões regulares por volta de 1944 (na metade de uma década) cercadas de polêmicas e em busca de maior penetração no mercado, as produções sempre foram vítimas de censura, que impossibilitaram a exploração direta e aberta de temas ocorridos na vida real. No entanto, muitas questões se faziam presentes em metáforas, em abordagens indiretas ou mesmo em situações que abertamente apoiavam esses movimentos contestatórios, já que a censura não conseguia impedir que programas ao vivo abordassem temas polêmicos ou discutissem um tabu em algum momento de sua exibição. Foi assim que os teleteatros e a TV ao vivo foram gradualmente sendo deixados de lado.

Apesar de algumas tentativas isoladas, foi somente a partir dos anos 1970 que a mulher conquistou maior força nas séries de TV, chegando a estrelar com sucesso produções dos gêneros aventura e drama policial, em geral entregues à sua contraparte masculina. Nos anos 1980, ela finalmente alcançou posição de destaque, lado a lado à personagem masculina, apesar de ainda ter de lutar para justificar sua presença. A partir dos anos 1990, as séries estreladas por mulheres tornaram-se comuns e mesmo uma obrigação. No século XXI, elas estão mais presentes e até derrubam a audiência de muitas produções estreladas por homens ou voltadas para o público masculino.

Mesmo assim, o conteúdo, as situações e a estrutura das personagens indicam que as mulheres continuam a ter de provar sua capacidade. No entanto, já não são mais fadadas a interpretar donas de casa, secretárias ou amores platônicos dos heróis das séries de TV. Elas ultrapassaram as restrições do atraso de cinco anos em relação às mudanças de comportamento e de mentalidade da sociedade, e chegaram ao ponto de interpretar personagens com cargos que ainda não ocupam na vida real, como o da Presidência dos Estados Unidos.

Sempre à procura de uma equação equilibrada entre vida profissional e pessoal, as mulheres passaram de donas de casa perfeitas ou atrapalhadas, com poderes mágicos, que podem resolver ou causar problemas, para as super-heroínas capazes de salvar o mundo. Além disso, conquistaram o direito de se tornar mulheres inteligentes, mas frágeis ou excelentes profissionais, com uma vida pessoal desorganizada. Vê-se que deram a volta por cima, ao assumir qualidades e defeitos, conscientes de quem são. Buscam o equilíbrio íntimo, pessoal. Voltadas para si, elas não querem mais aceitação social, profissional ou familiar (embora aparentemente pareça); elas querem o eixo de si mesmas.

a televisão chega aos lares americanos

Com as rápidas mudanças tecnológicas dos dias de hoje, fica difícil entender as grandes mudanças sociais, políticas e econômicas que ocorreram com a chegada da televisão. Considerada uma aberração por uns e um depósito de gente sem talento por outros, essa pequena caixa de tubos receptores de imagem e som foi a responsável por uma verdadeira revolução de hábitos e desejos. Por meio dela ídolos surgiram, talentos foram descobertos, famílias sustentadas, informações divulgadas, crianças educadas e multidões entretidas.

10

A televisão comercial, com programação e patrocínio, iniciou suas transmissões nos Estados Unidos em 1º de julho de 1941. Nessa época existiam sete canais entre grandes e pequenos, operando pelo sistema NTSC. A sigla é do National Television Systems Committee – NTSC (Comitê Nacional de Sistemas de Televisão). Ao longo dos anos, novos canais surgiram e redes se formaram. As principais redes transmissoras da época eram a National Broadcasting Company – NBC e a Columbia Broadcasting System – CBS. Em 1943, a lei antitruste ordenou que a rede NBC se dividisse. Dessa forma, surgiu a American Broadcasting Company – ABC.

Apesar da euforia inicial com as primeiras transmissões de poucos programas, a televisão sofreu um revés na sua programação quando, em dezembro do mesmo ano, os Estados Unidos entraram na Segunda Guerra Mundial. A televisão se tornou um veículo unicamente jornalístico, com o objetivo de exibir noticiários a qualquer momento e transmissão regular durante meia hora por semana. Mas com as dificuldades de se transmitir com rapidez e a precariedade das imagens e som (na década de 1940 era necessário assistir à televisão com as luzes apagadas para se ter uma melhor definição da imagem), a eficiência do veículo perdeu para o rádio. Posteriormente, com a continuidade da guerra, os estúdios foram fechados. A televisão voltaria à transmissão regular de sua programação em 1944, normalizada em 1946 com o final da guerra.

O fim da guerra na Europa também trouxe de volta os milhares de soldados americanos que sobreviveram às batalhas. Tal regresso significou uma nova configuração social. Os jovens veteranos começaram a se casar e novos bairros surgiram. A maioria situada longe dos grandes centros, nos subúrbios. Devido a esse isolamento da cidade, a televisão tornou-se uma forma de entreter essas novas famílias, o que contribuiu para consolidação do veículo no mercado.

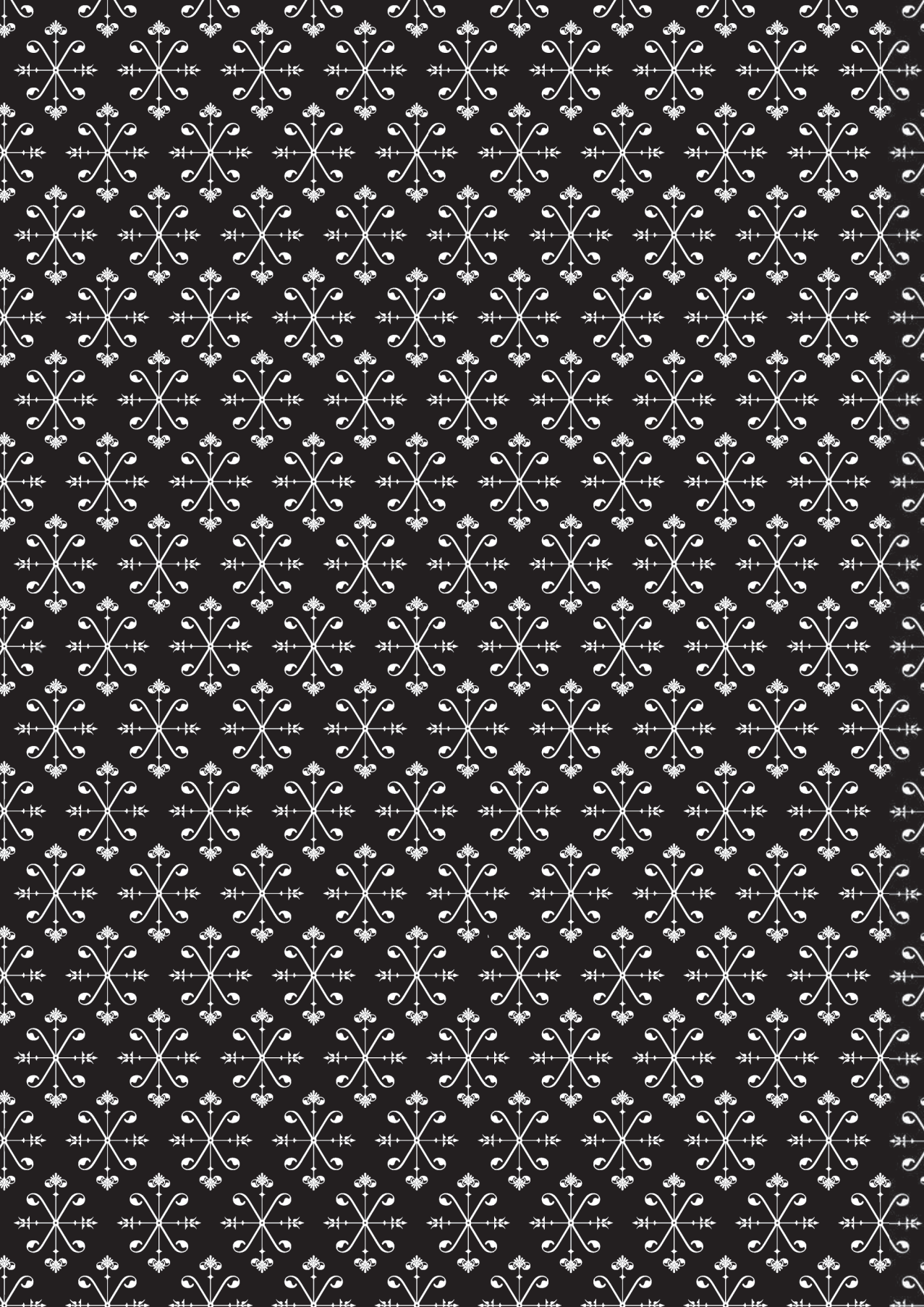
Durante toda a década de 1950, muitos acreditaram que a televisão era uma moda passageira e se recusaram a tomar parte dessa euforia inicial. Entretanto, ela se tornou um membro a mais dos lares americanos. Como veículo de comunicação de massa, tentou, ao longo de sua existência, transmitir opiniões variadas e estimular o debate, embora fosse (e ainda é) mantida por patrocinadores, que proclamavam a necessidade de manter a tradição da boa família americana.

Os programas veiculados nos anos 1940 eram ao vivo e voltados aos padrões conservadores exigidos pelos patrocinadores e pela própria sociedade. Existiam *sitcoms*, teleteatros, noticiários, programas esportivos e humorísticos, a maioria adaptações do rádio, que abasteciam a programação televisiva.

Por volta de 1947, um memorando de um executivo de televisão pedia a seus roteiristas que considerassem as limitações orçamentárias das emissoras e do espaço físico de seus estúdios. Dessa forma, deveriam restringir seus roteiros a um número reduzido de cenários e de personagens. Por ser ao vivo, havia também restrições quanto à troca de figurino. Devido ao seu alto custo, as cenas de ação eram limitadas; o mesmo acontecia com as demais cenas externas. E, graças à baixa definição de imagem dos televisores da época, pedia-se que os diretores explorassem mais os *close-ups*.

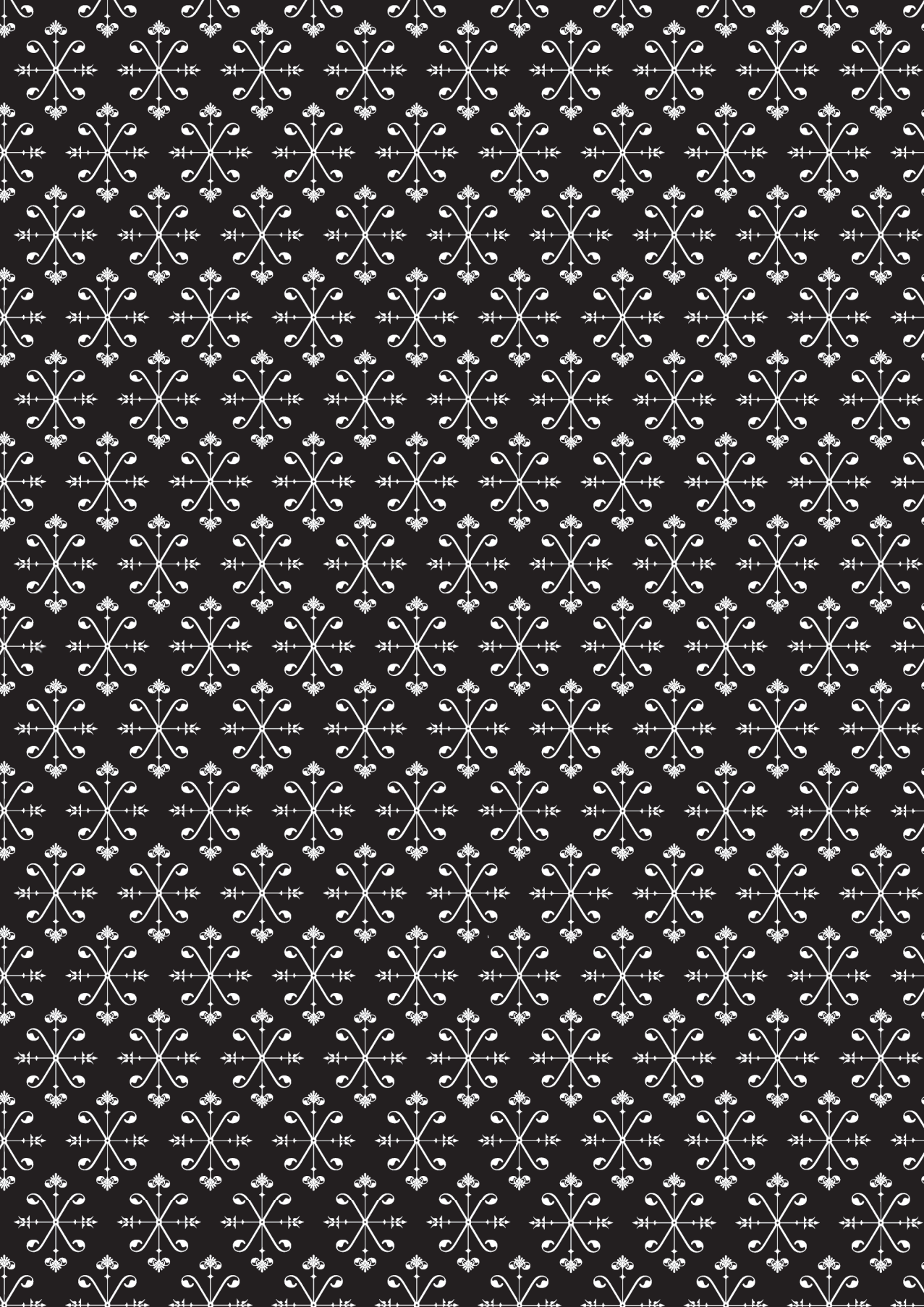
A despeito da guerra travada entre os grandes estúdios de cinema e a televisão, a maioria deles encontrou nesse novo veículo uma forma de lucrar ao exhibir antigos filmes. Mais tarde, passaram a produzir programas de televisão e a criar departamentos para a produção de suas próprias séries e filmes.

O gênero, série de televisão, surgiu ainda nos anos 1940 e, devido às limitações impostas, predominavam os *sitcoms*. Os teleteatros davam conta das histórias dramáticas.





Os Anos 1950



Nessa década a ciência caminhava a passos largos, descobria a vacina contra a pólio, a estrutura do DNA foi identificada, a medicina passou a utilizar o raio X em seus exames médicos, a pílula anticoncepcional era testada, a energia atômica revolucionava a eletricidade, os tecidos das roupas se tornavam sintéticos, e a corrida espacial entre americanos e russos se iniciava. Nas artes, os estilos refletiam as idéias futuristas; a fórmica, o alumínio, a fibra de plástico e o papel contact estavam na moda. Os comunistas eram caçados pelo comitê anticomunista americano, na figura de Joseph McCarthy, que instituiu o que passou a ser conhecido como caça às bruxas.

E quanto às mulheres? A maioria delas não trabalhava fora. Após o retorno dos soldados americanos, o governo iniciou uma campanha para que elas voltassem a se dedicar exclusivamente aos seus lares e famílias e deixassem o trabalho para os homens. Em abril de 1950, a revista *Woman's Home Companion* publicou o resultado de uma pesquisa sobre a vontade da mulher de trabalhar fora. Um total de 48% respondeu que gostaria de manter um trabalho de meio período. Elas ainda se casavam cedo e saíam de suas casas para construir seu próprio lar. Sem o suporte dos pais, afastadas dos grandes centros urbanos e do entretenimento (cinema, teatro, museus e restaurantes), essa nova geração encontrou na televisão conselhos, informações e anúncios de novos produtos que não poderiam deixar de faltar na casa da mulher moderna.



Comédias

I Love Lucy

1951 A 1957 • 179 EPISÓDIOS.

ESTRELADA POR LUCILLE BALL, DESI ARNAZ, VIVIAN VANCE E WILLIAM FRAWLEY.



Lucy e Desi

A série é uma adaptação da *sitcom* radiofônica *My Favorite Husband*, estrelada por Richard Denning e Lucille Ball. Ricky Ricardo (Desi Arnaz) é o líder de uma orquestra que se apresenta no clube Tropicana. Sua esposa Lucy (Lucille Ball) sonha em se tornar famosa, como atriz, escritora, cantora, garota-propaganda ou como dançarina. Ainda que não possua aptidão para nada, Lucy continua a buscar o reconhecimento, seja através do trabalho do marido, ao procurar fazer amizades com celebridades em festas, reuniões de amigos, seja o que for; se tiver público que a veja, ela aproveita.

Seus vizinhos são Ethel (Vivian Vance) e Fred Mertz (William Frawley). Dois ex-artistas do teatro de variedades, o *vaudeville*, que agora são donos de um prédio de apartamentos em Nova York (Estados Unidos), justamente onde eles moram. Apesar de não atuarem mais, o teatro permanece em suas veias; assim, aproveitam a amizade que têm com os Ricardos para voltarem aos velhos tempos de artistas. Fred passou pela Primeira Guerra Mundial e viveu a época da Depressão americana. Como conseqüência, tornou-se um homem avarento que economiza até os centavos. Ele passa a maior parte do tempo denegrindo a esposa diante dos amigos, enquanto Ethel retribui os insultos realçando a avareza dele.

Embora a personagem Lucy tenha sido construída para sustentar diversas situações cômicas, ganhou muito mais força aliando-se a Ethel. As duas juntas formam dois pólos que se completam. Lucy é jovem, dinâmica, audaciosa, criativa e ingênua. Ethel é mais experiente, está mais acomodada à situação em que vive no casamento e na sua posição na sociedade. É cautelosa, muitas vezes medrosa, é prática e irônica. No entanto, apesar de achar as idéias de Lucy uma loucura sem pé nem cabeça, Ethel não perde a chance de ousar, de quebrar a rotina de uma vida monótona.

O sucesso das personagens se deve muito ao fato de elas trazerem à TV as questões sociais vividas pela mulher da época. Ambiciosa e insatisfeita, Lucy não era uma adolescente ou uma jovem mãe, mas representava as milhares de jovens que casaram cedo, sem nenhuma noção da vida a dois, e tinham o marido como seu guia. Muitas de suas atitudes revelam uma criança que não aceita um “não” como resposta aos seus desejos, mas também uma mulher que não deseja passar a vida exclusivamente como esposa. Já Ethel é a mulher mais velha, dos anos 1950, que teve o sabor da juventude, cresceu, acomodou-se, mas que vê nos novos tempos a oportunidade de se expressar.

As duas amigas são quase irmãs. Em determinadas situações uma manda na outra, uma dá conselho à outra, uma briga com a outra, mas estão sempre juntas. O que as une é o sentimento de respeito e amizade – muito embora não verbalizado – e, até mesmo, o ciúmes e a inveja que uma sente da outra. Lucy conhece as limitações de Ethel e esta sabe que Lucy não é confiável, mas, ainda assim, as duas se respeitam na medida em que Ethel sempre embarca nas loucuras de Lucy e esta sabe que pode contar com a amiga.

Lucy e Ethel criaram as bases para as personagens femininas que estavam surgindo na televisão. Lucy, por um lado, é a personagem irreverente, determinada, que não aceita o que lhe é imposto e não tem medo de expressar seus sentimentos e opiniões; por outro, é ingênua, insegura e carente de atenção e afeto. Ambivalente, tenta se enquadrar, mas não permite que a transformem em alguém que ela não é. Ethel é a personagem cautelosa, racional, inteligente, experiente, irônica, às vezes mal-humorada, que com frequência sacrifica sua vida pessoal para fazer o que é certo e, por isso, tem seus desejos sufocados, busca uma forma de expressão, mas sem atitude ou voz ativa. Acredita que está certa, mesmo sabendo que poderia mudar. É aquela que percebe a vida através dos olhos de outros.

A fórmula de *I Love Lucy* foi reutilizada inúmeras vezes, seja na criação de elenco de personagens, seja em roteiros ou mesmo em situações.



Vivian Vance, Lucille Ball, William Frawley e Desi Arnaz

Biografias

- Lucille Désirée Ball nasceu em 6 de agosto de 1911. Batizada de “A Primeira Dama da Televisão”, sofreu um acidente quando ainda era adolescente e levou quase três anos para se recuperar. Famosa por seus cabelos ruivos, Lucy era, na verdade, morena. Durante a caça às bruxas, foi chamada para depor no Congresso sobre sua filiação no Partido Comunista. Era seis anos mais velha que Desiderio Alberto Arnaz y de Acha III, ou Desi Arnaz, seu marido na vida real. Os dois foram casados entre 1940 e 1960, e tiveram dois filhos: Desi Arnaz Jr. e Lucy Arnaz, ambos atores. Em 1961, casou-se com o produtor e ator Gary Morton, com quem permaneceu até o dia de sua morte, em 26 de abril de 1989, em consequência de um aneurisma.
- Vivian Roberta Jones nasceu em 26 de julho de 1909. Estudou interpretação em escolas do Novo México e adotou o sobrenome Vance como homenagem a um de seus professores. Iniciou sua carreira por volta de 1934, no teatro de Nova York. Em 1945 ela teve sua primeira crise de nervos, iniciando um tratamento psiquiátrico. Desi Arnaz a viu no teatro e a escolheu para o papel de Ethel. William Frawley já estava contratado para a personagem de seu marido, Fred. Por ele ser 22 anos mais velho, Vivian precisaria parecer ter mais idade. Com *I Love Lucy*, ela se tornou a primeira atriz a ganhar um Emmy na categoria Melhor Atriz Coadjuvante. Após a série, a atriz precisou de terapia para fazer as pazes com Ethel. Vivian foi casada quatro vezes, com Joseph Shearer Danneck Jr. (1928-1931), George Koch (1933-1940), com o ator Phillip Ober (1941-1959) e com John Doth (1961-1979). Ela não teve filhos. Nos anos 1960, Vivian voltou a trabalhar com Lucy na primeira temporada de *Lucy Total*. Em 1973, sofreu seu primeiro derrame. Outros se seguiram até sua morte em 17 de agosto de 1979, vítima de câncer nos ossos e na mama.